

Existe assum branco ?

Robério Costa*

Camila Magalhães**

No vocabulário financeiro, sempre carregado de expressões em inglês, *Black Swan* virou sinônimo de convicções perdidas ou de paradigmas quebrados. Por não serem percebidos como possíveis ou prováveis, as pessoas ficam perplexas diante da sua ocorrência. O termo *Black Swan* resume o sentimento do observador estupefato diante da evidência inusitada. A cultura ocidental cria que os cisnes eram exclusivamente brancos, até que, em 1697, depararam-se com cisnes negros – *black swans* – na Austrália. Foi Nassim Taleb, um professor irrequieto, quem fez a analogia entre a descrença no que se refere à melanina das aves e a complacência com as recorrentes surpresas no mundo econômico e financeiro.

Já que cisnes não são de responsabilidade do IBAMA, cabe perguntar se existe um assum branco. Para os não-ornitólogos, o assum é uma ave brasileira, antes presente em quase todo o território nacional. Uns conhecem por *passo preto* de Goiás, outros por *craúna* ou *graúna* (personagem do Henfil). Foi abundante, mas os engaiolaram e *Furaram os óio do assum preto, pra ele assim cantar mio*, como disse Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. E mais: acabaram com boa parte do seu habitat natural e, hoje, mesmo os assuns pretos são raros na natureza.

Mas talvez, assim como há o cisne negro, haja o assum branco no Brasil. Se o País ressurgir mais forte das cinzas dessa crise global, em relação às economias desenvolvidas, será algo de um ineditismo digno de um assum branco. E ressalte-se que não é só o fato de estar sendo menos afetado que as potências mundiais, o que a princípio seria razoável, mas principalmente o de ganhar respeitabilidade internacional pela responsabilidade na condução do conjunto de políticas econômicas e financeiras. Um País que ousa crescer, mesmo diante de tal adversidade, tem uma inflação estável, usufrui de um sistema financeiro com uma saúde de causar inveja e (quem diria?) exhibe contas públicas melhores que as dos EUA, Europa e Japão, destoa do quadro internacional. Ironicamente, não somos mais nós, brasileiros, quem os investidores temem que possam não honrar dívidas.

Se de fato houve uma mutação drástica, a ponto de estarrecer Charles Darwin, e desenvolveu-se uma linhagem de assuns albinos, podemos estar diante de um cenário de grandes mudanças no Brasil. Diante disso, o mundo pode se encantar com a democracia racial de Gilberto Freyre, com a história de que nossas terras são o celeiro do mundo e de que o Brasil é o país do futuro. Os capitais estrangeiros voarão ao Brasil, como uma revoada de assuns e cisnes brancos e pretos, não como capitais especulativos, termo tão ao gosto das viúvas, mas com boas intenções para com os nativos.

Ainda há aves que não estão sequer catalogadas e mesmo *birdwatchers* (outro anglicismo, para observadores de pássaros) experientes continuarão a ser surpreendidos. Já

testemunhamos várias metamorfoses de moedas brasileiras, vários planos com nome de gente, estações do ano e de guerras santas. Só quando o mundo nos deu bons agouros, nos garantindo prosperidade comercial e crédito abundante, paramos de fornecer matéria-prima para os comerciantes de cédulas das ferinhas de antiguidade.

Os mesmos monoteístas dos cisnes brancos nos dizem que o ocidente rico, depois de auxiliar o grupo dos países emergentes com suas práticas exuberantes e (agora sabemos) perigosamente irracionais, hoje depende do vigor desses países para se reerguerem. Aditem até que G8 não se basta. É preciso agora alargar as salas de reuniões para que caibam os menos pobres.

Não parece muito lógico isso tudo, mas cisne negro também não era. Contudo, os cisnes negros já provaram sua existência e hoje podem ser vistos em qualquer laguinho de parque ao redor do mundo. Já o assum mutante, branco como as asas de um anjo, ainda não foi visto nem nos descampados, onde vivem seus primos pretos, nem nas florestas nativas. Quem sabe a natureza nos reserve uma notícia boa? Das más já estamos fartos.

** Economista-chefe da Fram Capital*

*** Economista da Fram Capital*

Assum Preto

Luíz Gonzaga

Composição: Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira

Tudo em vorta é só beleza
Sol de Abril e a mata em frô
Mas Assum Preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor (bis)
Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá de mió (bis)
Assum Preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá (bis)
Assum Preto, o meu cantar
É tão triste como o teu
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus.